

(AFINIDADE ENTRE O BASCO E O CAUCÁSICO)

Jorge Bertolaso Stella

O basco língua paleolítica

Existem muitas línguas fossilizadas, como, por exemplo, o etrusco. O basco porém é um idioma vivo e falado. Ele chegou até os nossos dias com os seus pronomes, numerais, substantivos, com os verbos e com a sua natureza especial. O basco não deixou inscrições como alguns idiomas, mas em troca os euskalduns nos conservaram um tesouro muito superior: um fato vivente, sua língua milenária⁽¹⁾.

Para o lingüista, o basco tem uma importância marcante. Ele é um idioma antiquíssimo, de influência larga e não um dialeto, como alguém poderia imaginar, porque, nesse caso, teria sido absorvido por outras línguas. Ele constitui o resto único de um continente linguístico, de extensão desconhecida, que foi submerso por ondas das invasões da língua indo-européia há 3.000 anos atrás. Ele serviu de ponte para outros mundos lingüísticos⁽²⁾. A língua basca é o arquivo do povo basco⁽³⁾.

Sobre esta língua conhecidos são os lances de Menendez Pidal:

“No hai, diz êle, motivo para dejar de creer con Aranzadi que el Vasco es una de las lenguas que se hablaran en los dólmenes de la edad del cobre y acaso en las mismas cuevas cuaternarias...”⁽⁴⁾

E em outro lugar, se expressa:

“No hai documento historico mas venerable que este documento vivo, esta lengua conservada sobre este território

(1) Castro Guisasola, *El íngima del Vascuense ante las lenguas Indo-europeas*, Madrid, 1944, p. 22 (2).

(2) Tovar A., *Lengua Vasca*, Introduccion. San Sebastian, 1950.

(3) Tovar A., *El euskera y sus parientes*, Madrid, 1959, p. 116.

(4) Menendez Pidal, *Entorno a la lengua vasca*, Buenos Aires, 1962. p. 16.

desde época incalculable, quien sabe se anterior al clima y al período geológico actuales" (5).

Certos estudos, no campo de flora e da fauna, constataam quão antigo é êsse idioma *sui generis* na esfera da lingüística.

O filólogo e mestre Dr. Isaac Lopez Mendizabal, num trabalho precioso de pesquisas, trata, da toponímia, alicerçada em nomes de plantas menores existentes na paisagem glacial. O nosso antecessor, diz êle, dava seu nome euskerico a essas plantas pequenas que via diante dos seus olhos, usando os mesmos nomes que empregamos hoje *sasi* çarça, *bai* sorva, *aro*, *ira* feto, *iz juno*, *ur* aveleira, *uma*, *zume* vimeiro, *inde*, *inza ebulo*, *aga*, *agan* painço etc. Quando aparecem as árvores fêz uso das palavras que êle applicava às plantas pequenas e acompanhando-as com alguns outros componentes, sufixos ou temas e construiu as novas palavras que chegaram através de milhares de anos, até a atualidade. Dentre os muitos exemplos separamos alguns interessantes: de *abi* sorva: *abar*, *abari* carras; *abe* árvore, tronco de árvore bravia; *abar* ramaje; de *elar*, *belar* erva: *elar* espinho, *elar* cerejo; de *uda*, *uru* feto: *udare*, *mudari* peral etc. A toponímia atual é o reflexo da que existia naqueles tempos remotos.

Quanto à fauna era no passado maior do que a presente. Desapareceram o rinoceronte, o elefante, o mamute etc. Sòmente o touro e o cavalo persistem entre os maiores. Pensa-se que os nomes de animais, chegados nos séculos posteriores, todos mais pequenos, tinham recebido nomes formados por diminutivos dos já existentes e alguns se trocaram, passando de uma espécie para outra. Consignam-se algumas terminações como *-to*, *-do* ou prefixos como *tx-*, *xa-*, *zi*, que vêm em *asto* burro, *mando* macho, *txaku* cão, *txekor* vitela, *xagu* rato, *otso* lóbo. Por outro lado as raízes *txa-*, *txe-*, *x*, de *txakur*, *txal*, *txekor*, *xagu*, podem interpretar-se como diminutivos ou residuos da palavra *etxe* casa por ter sido o cão, a vitela o novilho e o rato os primeiros animais caseiros. Outro grupo de nomes termina com o sufixo *-dé* e às vêzes *-éi* sòmente, como em *ardé* ovella, *zaldi* cavalo, *-azeri* rapôsa, *axuri* cordeiro, *idi* boi, *bei* vaca, *ari* carneiro, *erbi* lebre etc.

Por ser o basco a língua da pré-história oferece, é bem de ver, problemas vários. Os estudiosos porém vão procurando resolvê-los à medida que as pesquisas o permitem. Ê inegá-

vel o progresso que se tem feito para esclarecer muitos pontos escuros desse idioma misterioso (*), nesses últimos oitenta anos.

Afinidade entre o basco e o caucásico

Se o basco tem afinidade com quase tôdas as línguas do mundo, pergunta-se com que grupo ou língua tem êle maior afinidade.

Como é natural as opiniões variam.

Existe um bom número de estudiosos que afirma ser o basco afim ao caucásico mais do que a qualquer outro grupo lingüístico.

O primeiro a fazer essa afirmação foi o glotólogo Alfredo Trombetti. Com a publicação da sua obra notável *Origini della lingua Basca*, Bologna, 1925. Na sua conclusão, p. 152, 153, afirma que o basco é mais afim ao caucásico do que a qualquer outro grupo lingüístico e entre as línguas caucásicas aquelas que mais se aproximam do basco são o abachazo-circasso okharthwelico e talvez também o circasso-thusch. Menor afinidade com o basco têm as línguas do grupo oriental ou lesgo.

Por ocasião do centenário dos nascimento de Trombetti (16 de janeiro de 1866 — 16 de janeiro de 1966), uma comissão de professôres publicou o exemplar das *Origini della lingua Basca* com o acréscimo de várias apostilas feitas pelo próprio Trombetti durante os anos de 1925 a 1929. A obra tem uma introdução do Prof. Carlo Tagliavini, glotólogo, poliglota e bascólogo, na qual história a marcha da afinidade da língua basca com a caucásica e mostra a prioridade de Trombetti na questão da afinidade do basco com o caucásico.

Trombetti foi o primeiro a apresentar provas basco-caucásicas, no campo da fonética, da morfologia e do léxico.

O mérito de ter sido o primeiro a assinalar a afinidade basco-caucásica com provas científicas desde 1923, foi o glotólogo e bascólogo C. Uhlenbeck.

O bascólogo René Lafon, na sua obra *Le système du Verbe basque au XVe siècle*, Bordeaux, 1943, ao apresentar o confronto entre o índice pessoal da 1ª pessoa plural do basco *-gu* e *g* e as formas caucásicas (geogeanogw-, suano gw-) e o

(6) Tovar A., *Miscelánea. Pré-história Lingüística da Espanha* — Caderno de História de España, Buenos Aires, 1941, ps. 140, 144.

da 2.ª pessoa plural basco-*zu* e *z-*, caucásico (circasso, etc.) *s'*, reconhece honestamente, diz Tagliavini, “La concordance entre C N (= caucasique du Nord) et basque (Basque) sur se point a été signalée por Trombetti”.

Uhlenbeck na sua memória acadêmica, 1942, apresenta um longo lance do qual destacamos essas referências a Trombetti:

“La premier, en affet, il a attiré l'attention sur d'importantes concordances gramaticales et lexicales entre le basque et le caucasien, et cela mon point, comme d'autres, á tout lasard, mais systématiquement et methodiquement...” Em sua outra memória, 1946, diz “Trombetti fut le premier a'tenter un effort systematique pour démonstrer une relation étroite entre le basque et le caucasien”.

René Lafon, ainda no dizer de Tagliavini, mostra a prioridade de Trombetti, dizendo:

“Le premier ouvrage où soit exposée une tentative systématique pour prouver l'existence de liens étroits entre la lengua basque te les langues caucasiques est le livre de Alfredo Trombetti, paru á Bologne en 1925, *Le origini della lengua basca*. Bien qu'il ne fût vraiment specialist d'aucune de ces langues, il a été le premier á indiquer tout un ensemble de concordances de grammaire et de vocabulaire entre elles”.

(no ortigo *L'état actuel du problème des origine de langue basque*, na revista (*Genika*), *Eusko* — Jakinza, I. (1942) p. 44.

Outros estudiosos recentes em suas pesquisas, têm demonstrado que Trombetti estava certo na sua análise linguística, quando afirmou que o basco tem afinidade com o caucásico mais do que com qualquer outro grupo linguístico.